

## Lixo: outras memórias da/na cidade★

Neiva de Assis,<sup>1,★★</sup> Andrea Vieira Zanella<sup>II</sup>

<sup>I</sup> Instituto Federal Catarinense, São Francisco do Sul, SC, Brasil

<sup>II</sup> Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC, Brasil

### Resumo

Em vários campos do conhecimento o entendimento sobre o lixo vem sendo problematizado. Este estudo tem como objetivo analisar o modo como os restos da cidade são reconfigurados em outros lugares, como em museus, possibilitando a produção de outros sentidos, para problematizar os modos de subjetivação e possibilidades de singularização que podem vir a ser forjados. Elegemos como experiência dois espaços: um deles instalado em Florianópolis e outro em São Francisco do Sul, SC- Brasil. O primeiro fala de hábitos e consumos dos habitantes da cidade com uma intencionalidade pedagógica evidente, enquanto o segundo carrega afetos de uma família movida a tecer relações outras com os objetos despejados nas vias da cidade. Experiências que produzem memórias para além dos valores hegemônicos, que se revelam, pois, como resistentes e rebeldes, podendo contribuir para a problematização dos sentidos da preservação e da construção de patrimônios, convocando sentidos confiscados por práticas institucionalizadas.

Palavras-chave: cidade; subjetividade; memória e patrimônio.

## Waste: other memories of / in the city

### Abstract

The understanding about garbage itself has been questioned in many fields of knowledge. This study aims to examine how the city materials are transformed in different places, with other senses, to study subjectivity and singularity that there are – or could be – forged. Two places were selected: one installed in Florianópolis, SC, Brazil, and another in São Francisco do Sul, SC, Brazil. The former is an area about habits and consumption with clear pedagogical intentions, while the second brings the affections of a family moved to create new relations with objects dumped on streets. Experiences that produce memories beyond the hegemonic values; those rebellious and diverse, which may contribute with questions about the way of preserving and building assets, which may call the senses confiscated by institutionalized practices.

Keywords: city; subjectivity; memory and heritage.

*O que é bom para o lixo é bom para a poesia*

Manoel de Barros

**Cidade. Povoação. Conjunto de Habitantes. Centro industrial e comercial. A parte Central. Cidade porto, cidade baixa, cidade universitária, cidade satélite... Cidades.**

Toda e qualquer cidade é produto de redes de relações complexas que se atualizam e se transformam constantemente, tanto em sua dimensão concreta - cimento, tijolo, ferro, vidro, aço, madeira, pedra, areia, asfalto - como na dimensão simbólica que a esta concreticidade se amalgama (PESAVENTO, 2008). Essas redes de relações são socialmente constituídas e compõem uma tessitura plural marcada por disputas, jogos de força, tensões e territorializações várias. Expressão e fundamento de relações sociais, toda e qualquer cidade se caracteriza ela mesma como rede, constituída e constituidora de seus habitantes que, nas intensas vivências com a polifonia urbana, forjam suas sensibilidades, os sentidos que imprimem ao seu entorno e a si mesmos, suas expectativas, desejos, sonhos, utopias, frustrações.

A cidade vem sendo tomada ao longo da história da humanidade como objeto de discursos e imagens e é inspiração para artes várias. Vemos imagens da cidade na crônica “A arte de andar nas ruas do Rio de Janeiro”, do romancista brasileiro Rubem Fonseca; com Edgar Allan Poe, em *O homem da multidão*; também as vemos nas músicas de Chico Buarque, como “Vai trabalhar, vagabundo” (1976), “A cidade ideal” (1977) e várias outras; Caetano Veloso, em “Alegria, alegria” (1967); nas pinturas de Camille Pissarro e no filme *Lost in translation* (2003), dirigido por Sofia Copola. Também se apresentam imagens da cidade em *Casa de Pensão e O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo (1989, 1991); em *A comédia humana*, de Balzac (1993), ou na conhecida pintura *Nighthawks*, de Hopper (1942). Arte e cidade, cidade e arte: polimorfos, polissêmicos, polifônicos, em detalhes ou em perspectiva, imagens de cidades são visibilizadas em obras que convidam a pensar, dizer, ouvir e ver a urbe a partir de ângulos diversos.

A cidade é lugar de encontros e confrontos, é potência de relações, de negociações, de conflitos, de evidências e restos. Em cada época e contexto intensifica-se de modo diferenciado cada uma dessas condições, sendo visibilizadas algumas formas e arranjos e invisibilizadas e inviabilizadas tantas outras. De uns tempos para cá, com a consolidação

\*Apoio e financiamento: bolsa PDSE/CAPES – Processo no. 4808/14-2, Bolsa Produtividade CNPq, Bolsa CAPES estágio sênior no exterior.

★★Endereço para correspondência: Instituto Federal Catarinense, Campus São Francisco do Sul. Rua Barão do Rio Branco, 377 Sala 202 – Centro. CEP: 89240000 - São Francisco do Sul, SC – Brasil. E-mail: [neivapsi@hotmail.com](mailto:neivapsi@hotmail.com), [azanella@cfh.ufsc.br](mailto:azanella@cfh.ufsc.br)

da cultura capitalística<sup>1</sup> e sua lógica de ordenamento social, observamos tentativas de encolhimento das possibilidades de encontro/confronto, nos deparamos com a redução da cidade como esfera pública. A ideia grega de cidade, polis, “espaço onde as pessoas alcançavam a mais alta expressão da unidade [...] muito mais, portanto, que um simples ponto no mapa” (SENNETT, 2010, p. 37), o lugar onde se praticava a política, foi, a partir de lógicas urbanistas e práticas sanitárias instituídas com intensidade cada vez maior no último século, esvaziada enquanto lugar de encontro com a diferença. Vivemos sob a égide da lógica do consenso, das tentativas de neutralização das tensões, da invisibilização e apagamento dos restos, das vidas infames,<sup>2</sup> das dissonâncias.

A preocupação com os movimentos sociais urbanos em 2013 e 2014, a instituição de leis que visam regular suas ações e criminalizar o que destoa ou se opõe aos instituídos, é exemplo dos investimentos na diminuição da potência política das relações na cidade. Essa despotencialização se intensifica com o fortalecimento da lógica policial que se opõe, com violência e sustentada por estratégias militares, às práticas sociais de resistência que insistem em tensionar a partilha desigual do sensível. Opõe-se, pois, essa lógica, à própria política tal como a compreende Rancière (2009, p. 16), pois “A política ocupa-se do que se vê e do que se pode dizer sobre o que é visto, de quem tem competência para ver e qualidade para dizer, das propriedades do espaço e dos possíveis do tempo”.

Contrapor-se, pois, aos ditames do que se pode ver, ouvir, dizer e pensar, opor-se a modos de viver homologados, configura-se como prática política que tensiona e pode vir a provocar dissensos na configuração do comum e na ordem policial que a mantém inalterada.<sup>3</sup>

Consenso, dissenso, encolhimento, esvaziamento, apagamento, distensão, dispersão... Eis algumas características da cidade contemporânea apontadas por autores que problematizam o urbano (SENNETT, 2010; BAPTISTA; FERREIRA, 2012; HISSA, 2008; SANTOS, 2006; HARVEY, 1992), características estas que se fazem presentes também nas práticas de memória e de patrimonialização, ou seja, nas práticas que instituem e consensuam o que vale a pena ser visto, ouvido, falado, lembrado da e na cidade, o que deve ser valorado e

consagrado. Práticas, por conseguinte, que instituem, no seu lastro, o que não merece atenção, os desprezíveis restos legados ao esquecimento.

Pensar esse tenso e complexo processo de construção de patrimônios e museus como produções discursivas, marcadas pelas tensões que conotam o vivido e afirmam permanências e restos, memórias e esquecimentos, possibilita considerar as tensões decorrentes da multiplicação dos sistemas de significação de identificação cultural, os processos de sua afirmação e desconstrução (HALL, 2005). Perscrutamos, em nossas pesquisas, ecos desses apagamentos, os restos que, a despeito das práticas que lhes imputam o lugar do esquecimento, persistem, resistem.

Ao buscarmos em nossas andanças pelas cidades, lugares de memórias outras e reconhecendo as formatações de nossos olhares interessados em questões relativas a processos de patrimonialização, nos deparamos com lugares constituídos sob a ótica do reconhecimento de algum valor ao descartável. Lixo alçado à condição de algo a ser visibilizado em Museus do Lixo. Quem agencia esses lugares? O que os move? Quais as condições de sua instituição? Quem os visita? Que tensões conotam a existência desses museus?

Eis algumas perguntas que pautam nosso interesse pelos rumores e condições de dois espaços de memória a partir do lixo em duas cidades do sul do país, a saber, São Francisco do Sul/SC<sup>4</sup> e Florianópolis/SC.<sup>5</sup> Cidades distintas, assim como as propostas de memória encontradas que, como atratores, nos provocam a conhecer suas histórias. Vejamos o que nos dizem esses lugares. Vejamos o que podemos ver, ouvir, dizer e pensar com eles a respeito do lixo, dos restos, dos objetos infames<sup>6</sup> em exposição, das cidades e sensibilidades ali forjadas.

### Sobre o lixo

#### *Lixo. Resto. Refugo. Imundície, sujidade. Escória, ralé... Lixos.*

Embora assim se apresente a definição do termo lixo no dicionário, observamos em vários campos do conhecimento que o entendimento sobre esta produção humana vem sendo tensionado, problematizado, expandido. Nas artes vemos a transformação de colheres velhas, botões, restos de tecidos, cabides usados, pedaços de madeira em obras de arte. Lembramos-nos de [Vik Muniz](#), reconhecido artista brasileiro que utiliza materiais inusitados, como restos de demolição ou enormes pilhas

<sup>1</sup> Guattari acrescenta o sufixo ‘ístico’ a ‘capitalista’ por lhe parecer necessário criar um termo que possa designar não apenas as sociedades qualificadas como capitalistas, mas também setores do Terceiro Mundo ou do capitalismo ‘periférico’, assim como as economias ditas socialistas dos países do leste, que vivem numa espécie de dependência e contradependência do capitalismo (GUATTARI; ROLNIK, 1986, p. 15).

<sup>2</sup> Foucault (2006, p. 207) se refere às vidas infames como aquelas “destinadas a passar por baixo de qualquer discurso e a desaparecer sem nunca terem sido faladas”.

<sup>3</sup> Rancière (apud NATERCIA, 2005, p. 16) explica da seguinte forma a diferença entre polícia e política: “A polícia não é, para mim, o poder sobre os corpos, e sim a configuração da comunidade como totalidade orgânica, definida de maneira exaustiva por suas funções, seus lugares e suas identidades. A política, ao contrário, é a configuração da comunidade que abre essa totalidade, que faz intervir sujeitos suplementares que não são partes do corpo social, mas formas de subjetivação de um litígio. Pensar em termos de poder ou de tecnologias de poder é esquecer o espaço próprio da política como configuração conflituosa do comum da comunidade”.

<sup>4</sup> São Francisco do Sul é considerada cidade de pequeno porte, com população de 42.520 habitantes (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE, 2010) e processo de desenvolvimento urbano ligado às atividades relacionadas ao mar e ao porto. Localizada no litoral norte do Estado de Santa Catarina, e conhecida pelo patrimônio cultural paisagístico e arquitetônico.

<sup>5</sup> Florianópolis, capital de Santa Catarina, está localizada ao sul do estado, com população de 421.240 habitantes (IBGE, 2010) tem as atividades econômicas ligadas tecnologia, prestação de serviços e turismo e conta com um patrimônio arquitetônico tombado por lei municipal.

<sup>6</sup> Assim como há vidas infames, neste texto estendemos essa compreensão para objetos que, ainda que tenham em algum momento histórico sido valorados, falados, usados, foram com o passar do tempo e o desenvolvimento tecnológico tornados obsoletos. Tratam-se, pois, assim como algumas vidas, de objetos infames.

de lixo, em produções que serão por ele fotografadas e imortalizadas via mostras, filmes e catálogos de arte. Lembramos também de [Sayaka Kajita](#), artista japonesa que cria figuras dinâmicas usando peças de plástico descartáveis, como colheres e copos; da americana [Ann P. Smith](#), que reutiliza peças de eletrodomésticos e eletrônicos descartados para criar suas esculturas-robôs, em forma de animais. E lembramos o artista japonês [Haroshi](#), que empilha antigos skates para criar esculturas tridimensionais; do artista brasileiro [Jaime Prades](#), que constrói árvores a partir de pedaços de madeira recolhidos nas ruas. Ou ainda da britânica [Jane Perkins](#), que usa todo tipo de quinquilharia – bijuterias quebradas, botões, brinquedinhos de plástico, grampos de cabelos velhos – para criar retratos de pessoas famosas, assim como o fez [Viz Muniz](#) com confetes e serpentinas, porém para retratar anônimos personagens do carnaval brasileiro.

Se no campo das artes o lixo é tensionado, transtornado e transformado via propostas que “racham”<sup>7</sup> seu sentido hegemônico, abrindo possibilidades ao espectador que pode a este atribuir sentidos outros, e outros, e outros, nas políticas públicas o lixo é renomeado de material reciclável ou ainda de resíduo sólido. Assim designado, institui olhares e práticas em relação ao descartável fundadas em discursos de sustentabilidade, educação ambiental e geração de renda, tão em voga em tempos de crítica às agressões ambientais e reconhecimento de seus inefáveis efeitos, bem como da valoração econômica do que era até pouco tempo atrás simplesmente banalizada.

No território das ciências, por sua vez, estudos diversos têm sido desenvolvidos com a temática do lixo, sejam movidos por preocupações ambientais, ecológicas, econômicas, de saúde, ou em relação às condições de vida e trabalho das pessoas que vivem no e/ou do lixo. (SIQUEIRA; MORAES, 2009; RODRIGUES, 1998; SISINNO; OLIVEIRA, 2002; BARBOZA, 2012). Dentre esses estudos, interessam-nos as investigações em que esse lixo é tomado como resto, como vestígio da cidade e de seus moradores, como memória descartada de objetos infames, libertos de sua condição prático-utilitária.<sup>8</sup>

Assim como fazem as pesquisas que alçam o lixo à condição de objeto de estudo, ou os artistas que utilizam objetos descartáveis para produzirem suas obras de arte, observamos anônimas pessoas que também investem em possibilidades de olhares outros para o lixo, para os objetos infames que são cotidianamente destinados ao descarte. E também temos nos deparado com lugares onde esses objetos são expostos publicamente, alçados à condição de algo a ser visto, ouvido, falado, pensado e, principalmente, lembrado. Vejamos, pois, o que nos dizem esses lugares e o que com eles podemos dizer.

<sup>7</sup>Alusão à proposta de Deleuze (1992) no diálogo com Foucault de rachar as coisas, rachar as palavras, desnaturalizá-las.

<sup>8</sup>VAZQUEZ (1999) indica diversas relações que o ser humano pode estabelecer com o mundo: a) Relação teórico-cognoscitiva, que objetiva a compreensão da realidade; b) Relação prático-produtiva, em que a produção de objetos visa à satisfação das necessidades vitais; c) Relação prático-utilitária, baseada no uso e consumo dos objetos; e, d) Relação estética, relação sensível com o mundo, menos normatizada e direcionada institucionalmente, que permite estranhamentos e deslocamentos do vivido.

## Memórias e vidas nas cidades

O visibilizado da cidade e que recebe a alcunha de patrimônio cultural obtém esse reconhecimento a partir de práticas sociais de produção de memórias e de esquecimentos historicamente construídos e politicamente homologados. Isso significa que a instituição de bens patrimoniais é permeada por “complexas questões que envolvem emoções, afetos, interesses os mais variados, preferências, gostos e projetos heterogêneos e contraditórios” (VELHO, 2006, p. 245). Trata-se, a patrimonialização, de prática social pautada por exercícios de poder, de uma complexa trama que normatiza o que deve ser inscrito no grande tempo. Destaca Poulot (2011, p. 475) que “a atenção dirigida aos manejos políticos do passado e aos usos públicos da história revelou amplamente que o patrimônio era resultante de reconstruções com base na classificação e na escolha, bem como de esquecimentos seletivos e de comemorações voluntaristas”.

A preservação de um patrimônio implica processos de interpretação da cultura, produção não apenas material, mas também simbólica. Preservar uma tradição, um monumento, um objeto, é um modo de pensar o tempo e o espaço, um meio de articular passado, presente e futuro, configurado por práticas sociais várias.

Os museus são espaços predominantes em que um patrimônio é publicamente exposto e visibilizado, ou seja, que recebe sua valoração e garantia de salvaguarda. Compreendido como produção cultural, a prática de patrimonializar se apresenta como arena de conflitos, uma seleção construída sobre diferenças. Isso porque os monumentos considerados como patrimônio pelas instituições oficiais são aqueles relacionados a uma perspectiva tradicional da história, aos feitos e à produção cultural de figuras e fatos instituídos como heróis/heróicos, enquanto a história dos demais, dos anônimos e infames, é frequentemente esquecida. Se por um lado temos a atualização constante da memória, daquilo que se quer perpetuar, por outro temos o apagamento de qualquer vestígio de existências outras, de vidas que destoam das socialmente aceitas.

Há, no entanto, nos interstícios urbanos, várias dessas existências e seus rastros, a afirmar, com sua presença, a possibilidade de memórias outras. Vidas invisibilizadas, negadas, obscurecidas, cujos rastros insistem em se fazer notar e provocam ruídos na pretensa homofonia da cidade, da história, da memória. A própria cidade é arquivo dessas existências infames relegadas à existência mínima, assim como de objetos que são relegados ao esquecimento. De restos, enfim.

Podemos dizer que este é um dos desafios atuais do trabalho com memória social e patrimônio cultural: pensar museus como espaço de experimentação cultural que interroga a história e o presente, considerando a multiplicidade e a polissemia na produção da cultura, dando visibilidade a práticas culturais e memórias não narradas ou preservadas (PADIGLIONE, 2013). Talvez seja este também um desafio para uma psicologia

interessada não nas recorrências e identificações legitimadas, mas no próprio fluxo do existente e na potência dos restos e insignificâncias que se apresentam como resistência ao que lhes afirma essa própria condição e avilta a possibilidade da própria presença.

### Vestígios de outras histórias no lixo

Ao mesmo tempo em que observamos a resignificação do lugar do lixo na cidade, alicerçada em discursos de sustentabilidade e preservação do meio ambiente, nos deparamos com novas formas de fazer museu. Dentre tantos outros museus tradicionais e oficiais, encontramos espaços que guardam aquilo que ninguém mais quer e nos fazem lembrar o que foi esquecido, descartado, refugado. Consideramos importante, em tempos de consumo intenso, de desenvolvimento acirrado do capitalismo e de processos de urbanização desordenados, problematizar o modo como os restos da cidade são tomados, como são reconfigurados em lugares outros, de novos jeitos, com outros sentidos, para problematizar os processos de subjetivação e possibilidades de singularização que ali são ou podem vir a ser forjados.

Elegemos duas experiências na produção de memórias com lixo, para investigar e perscrutar algumas respostas para as perguntas que lançamos na introdução deste texto: que lixo é alçado à condição de algo a ser visibilizado? Quem agencia esses lugares? Quais as condições de sua instituição? Quem os visita? Que tensões conotam suas existências?

O primeiro local que elegemos é o [Museu do Lixo em Florianópolis/SC](#): um espaço de memória de objetos que são jogados fora, um espaço que fala de hábitos e consumos dos habitantes daquela cidade. Mantido pela COMCAP - Companhia Melhoramentos da Capital em Florianópolis/SC<sup>9</sup> - há pouco mais de dez anos, seu propósito é claro e anunciado imediatamente aos visitantes: a educação ambiental. O lugar foi criado com o objetivo de guardar e dar visibilidade a objetos encontrados durante a coleta seletiva do lixo realizada em praticamente toda a extensão territorial do município. Com o passar dos anos, formou um acervo com mais de 10 mil peças, objetos que trazem as marcas de diferentes épocas e que foram descartados pelos seus proprietários. Objetos-testemunhos de alguma vida, de condições de vida em diferentes tempos e espaços.

As instalações do museu estão organizadas em uma área de 200 m<sup>2</sup> dentro do Centro de Transferência de Resíduos Sólidos (CTReS) da Comcap, espaço que inclui ainda outras atividades com foco na educação ambiental. Os trabalhadores do Museu do Lixo criam personagens, músicas, peças teatrais, oficinas de reciclagem, monitoria ambiental e os apresentam às seis mil pessoas que visitam o lugar durante o ano. Entre esses visitantes, predominam alunos das escolas do município que fazem desse espaço extensão de suas salas de aula.

Visitamos o museu e conversamos com seu criador, conhecido como “Neiciclagem, embaixador do lixo”, um artista plástico que assumiu a tarefa de organizar o museu. Em nossas andanças pelo lugar produzimos algumas imagens, as quais destacamos duas para este momento (Figuras 1 e 2). Trata-se de imagens que apresentam a perspectiva arquivista que alicerça a catalogação, organização e exposição dos objetos vários recolhidos na coleta seletiva do lixo - ações que alçam esses objetos infames, desprezados, à condição de algo a ser visto, lido, analisado.



Figura 1: Máquinas de datilografia-lixo no Museu do Lixo em Florianópolis  
Fonte: Arquivo Próprio



Figura 2: Cafeteiras-lixo no Museu do Lixo em Florianópolis  
Fonte: Arquivo Próprio

As figuras 1 e 2 apresentam objetos que, se alheios em sua função e possibilidades para o público jovem escolar do museu, evocam em pessoas com um pouco mais de idade, além da lembrança visual de sua presença em escritórios e cozinhas, as sonoridades características das máquinas de escrever e da água em ebulição, bem como o odor do café exalado pela cafeteira italiana. Esses objetos são testemunhos de um tempo outro, de condições de trabalho outras, de práticas culturais transformadas com o desenvolvimento tecnológico das últimas décadas. Substituídas por equipamentos mais modernos, que aceleraram as próprias condições de trabalho e modificaram as relações sociais características do tempo em que vigoravam, foram essas máquinas de escrever e

<sup>9</sup> COMCAP é uma empresa de economia mista sob acompanhamento da Prefeitura Municipal de Florianópolis.

cafeteiras simplesmente descartadas, transformadas em material a ser reciclado. Ainda que adjetivados como lixo, são objetos que trazem as marcas das condições de sua vigência, das premências que levaram à sua criação e a obsolescência que decretou seu declínio.

Algum anônimo, porém, no exercício de sua função de catalogador de algumas insignificâncias dentre a vasta quantidade de material reciclável coletada semanalmente, recolheu esses objetos e os alçou a outra condição. Não mais objetos a serem reciclados, mas objetos a serem dispostos em uma coleção e expostos a olhares de tempos outros, a provocarem não somente memórias de quem com esses objetos conviveu, mas também as fantasias de quem os reconheça em sua potência de falar e fazer falar. Trata-se de trabalho sensível o de colecionador, de uma arte. Destaca Benjamin que

É decisivo na arte de colecionar que o objeto seja desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante. Esta relação é diametralmente oposta à utilidade e situa-se sob a categoria singular da completude. O que é essa completude? É uma grandiosa tentativa de superar o caráter totalmente irracional de sua mera existência através da integração em um sistema histórico novo, criado especialmente para esse fim: a coleção (BENJAMIN, 2007, p. 239).

No Museu do Lixo, assim como nas duas imagens, podem-se ver objetos vários: ferros de passar roupa, latas de refrigerante e de cerveja, máquinas fotográficas e de costura, aparelhos de telefone e computadores, livros, entre outros. Esses objetos estão dispostos, no entanto, não para a evocação de lembranças de existências e seus modos de vida, tampouco como vestígio de certa condição de desenvolvimento social e tecnológico. Estão ali para provocar uma condição específica e suas possíveis respostas: a conscientização da necessidade de maior cuidado ao consumir e descartar objetos. O trabalho com memórias da cidade, pensados e dispostos em uma estética outra está, portanto, no caso desse Museu do Lixo, carregado de uma intencionalidade pedagógica evidente:

Aqui as crianças percebem como é importante mudar de atitude, de ter uma nova forma de se relacionar com os resíduos que produz para tornar-se um consumidor responsável e para conservar e preservar o ambiente. Também se dão conta de como pode ser divertido reaproveitar e reciclar materiais. (Museu do Lixo – COMCAP)

Proporcionar a ampliação da experiência estética e oferecer aproximação com manifestações não hegemônicas é fundamental às crianças que visitam tanto este como outros museus (BAY, 2007). Neste caso predomina, de certo modo, a proposta pedagógica e seus objetivos sociais e cognitivos, e cabe perguntar: não estaria o próprio museu e suas coleções subjugados a uma forma de construção de conhecimento ou de educação moral, avessos à própria educação estética?

Destaca Vigotski (2010, p. 234) que a estética é o campo das relações sensíveis em que a vivência intensa cria um “estado muito sensível para as ações posteriores

e nunca passa sem deixar marcas no sujeito em sua vida posterior”. Mas o autor pontua a importância de vivências pautadas nas afecções e abertura à possibilidade de respostas plurais por parte do autor/expectador/ouvinte.

O foco na predição das ações futuras dos visitantes ao museu, a ênfase na consciência em relação a ações relativas à questão ambiental - apresenta-se, nesse sentido, em contraposição a essa abertura preconizada pelo autor. Mas isso não significa que sentidos plurais não possam emergir nas visitas ao Museu do Lixo, pois ainda que a educação moral se apresente como seu principal alicerce, é impossível prever o que uma visita ao local pode advir. Nunca estaremos seguros dos efeitos da atividade educativa desenvolvida no Museu do Lixo, se este terá atingido seus propósitos, pois na relação com o objeto estético o expectador produz uma síntese criadora (VIGOTSKI, 2010) a partir de sentidos outros que, na relação com este objeto, entabula.

Ao analisar as fábulas de *A gralha e a raposa* ou *A cigarra e a formiga*, Vigotski (2010, p. 326) destaca que “mesmo obras indiscutivelmente ‘éticas’ podem exercer um efeito moralmente prejudicial quando passa pelo psiquismo das crianças”. No exemplo, as crianças chegaram a uma sensação moral oposta à pretendida com a obra: a raposa com sua sutileza e zombaria provocou admiração e a cigarra despertou sensação de alegria e beleza em razão da vida leve e despreocupada. Reafirmamos, portanto, a importância de se considerar, em uma vivência estética,<sup>10</sup> as diversas possibilidades de interpretações e conclusões cunhadas nas relações com um objeto estético, o que se apresenta como sua potência.

Fundamental, portanto, que o Museu de Lixo, no processo de composição de seu acervo e de suas práticas, possa ir além de pretensas intenções moralizantes e invista em caminhos mais amplos: provocar quem por ali passa, convidar o visitante a desconstruir, tensionar, transformar, rachar os sentidos do que ali se apresentam, potencializar a condição polissêmica e plural dos objetos a serem vistos, abrir caminhos para o reconhecimento das memórias ali amalgamadas, dos modos de vida que esses objetos testemunham. Para além das práticas de consumo questionadas em uma perspectiva ambiental, apresentam-se nesses objetos-lixos vestígios de existências em variadas condições, memórias de tempos outros, de uma historicidade que se atualiza e reinventa constantemente.

Um olhar outro para os restos potencializa, também, para além dos objetos, olhares outros para o espaço, para o lixo e para a cidade. Nesse caso, constitui-se o museu como lugar de diálogo com o imaginário dos visitantes, lugar de acolhimento de “fantasias e aspirações, não apenas dúvidas cognoscitivas” (PADIGLIONE, 2013, p. 41). A inclusão de dispositivos que possibilitem a sensação de incompletude e estimulem o visitante a realizar a sua

<sup>10</sup>A vivência estética possibilita a complexificação da realidade e não um modo facilitado de trabalhá-la (VIGOTSKI, 2010). É, portanto, processo complexo que envolve a transformação do sentimento comum e ampliação das possibilidades não realizadas em vida. Trata-se de ato criador de superação em que a arte “recolhe da vida o seu material mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material”. (VIGOTSKI, 1999, p. 308)

montagem, deixar comentários, avaliações, por sua vez, tornam a obra interativa e a convertem em evento em contínua transformação (PADIGLIONE, 2013).

O segundo lugar que elegemos como foco de problematização está instalado na cidade de São Francisco do Sul.<sup>11</sup> Não é reconhecido como um museu do lixo e tampouco instituído por uma política pública; sequer tem nome. Mas, sem dúvida, trata-se de um espaço de memória onde são catalogados, arquivados e expostos diversos objetos retirados de depósitos de lixo.

Esse local é organizado por Sr. Claudio e sua família: moradores de um bairro de periferia da cidade conhecido por “invasão”, lugar onde vivem pessoas que migraram de outros estados, atraídas por oportunidades de trabalho com o turismo dos balneários e acabaram por constituir, com outros tantos que também o fizeram, uma nova comunidade, um novo bairro. Esse lugar, de certa forma, não é bem visto ou não é visível para a maioria dos habitantes da cidade, quiçá em virtude de sua localização, das precárias condições que oferece a seus moradores, da parca presença do poder público no local, da condição “estrangeira” das pessoas que ali vivem.

Os proprietários dos objetos relatam que já possuíam coisas da época dos avós, objetos de família com mais de 100 anos. Assim conta Sr. Claudio: “*Vim da roça, trabalhei até 18 anos na roça. Ai pega aquele amor pelas coisas e vai guardando, como um chifre de uma vaca que era o sustento da família*”. Trata-se de objetos significativos, prenhes de memórias, de afetos. O trabalho com reciclagem de resíduos sólidos há muitos anos, coletando objetos descartados por anônimos, o provocou a guardá-los, e a essa atividade implicaram-se outras pessoas da família.

A Figura 3 dá a ver o lixo reciclável produzido pelos moradores da cidade e que é escolhido, recolhido e armazenado pela família de Claudio. É esse amontoado de entulhos e ferros retorcidos que Claudio manuseia no dia a dia do seu trabalho, e é ali que busca novidades e encontra novos elementos para compor seu museu em construção.



Figura 3: Material coletado do lixo  
Fonte: Arquivo Próprio

Há mais ou menos quatro anos é que o interesse foi aumentando, que Cláudio e sua família passaram a observar mais a rua e os objetos diferentes que por vezes eram jogados aqui, acolá. À coleta primeira desse material, que o retira das ruas e aloca despojadamente no quintal da própria residência, como se observa na figura 3, segue-se outro trabalho de coleta, desta vez movido pela tessitura de linhas de aproximação que os conecta. Trabalho metucioso que cunha relações entre objetos, que restitui aos mesmos alguma importância e possibilidade de virem a ser visibilizados, pensados, ditos.

Estes objetos são dispostos no quintal da casa, nos fundos do terreno, organizados em prateleiras e próximos de outros objetos com características ou sentidos que os conectam. Estão, pois, categorizados e expostos a olhares outros, prontos para serem vistos. Também na residência da família são encontrados vários objetos recolhidos de lixeiras coletoras de material reciclável, os quais são ressignificados e transformados de modo a ocuparem um lugar outro no contexto privado: canos de PVC transformam-se em vasos para violetas, garrafas de produtos de limpeza tornam-se porta folhagens, garrafas de plástico servem para plantar alface e temperos. Objetos obsoletos são por eles resgatados e transformados em objetos outros, em suporte para o verde que ali brota.

O interesse maior de Sr. Claudio é por utensílios de agricultura, por ferramentas tais como se pode visualizar nas Figuras 4 e 5. São instrumentos que objetivam a centralidade do trabalho na vida humana (ANTUNES, 1999) e, principalmente, presentificam memórias de uma vida na zona rural, de uma existência marcada pelo trabalho com a terra inscrita afetivamente nos objetos que a rememoram. São, pois, objetos-testemunhos de certa organização social do trabalho e ordenamento da existência.



Figura 4: Utensílios para agricultura  
Fonte: Arquivo Próprio

<sup>11</sup> Os patrimônios visibilizados e invisibilizados desta cidade tem sido foco da investigação de doutorado da coautora, o que possibilitou conhecer este espaço, estas pessoas e revelar outras memórias da cidade.



Figura 5 : Utensílios para agricultura  
Fonte: Arquivo Próprio



Figura 6: Lamparinas  
Fonte: Arquivo Próprio

Observa-se nas figuras 4, 5 e 6 o esforço de categorização dos objetos recolhidos do lixo e sua organização em uma perspectiva que provoca visibilidades, dizibilidades e pensabilidades. São, assim como os objetos do Museu do Lixo de Florianópolis/SC, restos que trazem as marcas de existências em tempos e espaços outros. Objetos que testemunham modos de viver, de trabalhar, de subjetivar.

Estas ferramentas, segundo Sr. Claudio, possuem algum valor financeiro, pois são atualmente difíceis de encontrar. Conta que algumas pessoas procuram a sua residência em busca de objetos para serem restaurados, vendidos ou colecionados: *“Tem um ferro de porcelana que um senhor de [cidade] Mafra já incomodou muito, queria levar, chegou ao ponto de nem que ele me oferecesse uma casa eu não queria”* (esposa de Claudio). O ferro de passar roupa de porcelana foi o começo de tudo, foi tirado do lixo com a pretensão de ser usado na decoração da casa da família e hoje está exposto com outros ferros de passar roupa, compondo uma história da vida doméstica.

Dentre tantos objetos chamam a atenção um diploma de 1947 de um desconhecido morador da cidade, uma foto antiga do porto de Itajaí/SC, placas de carro com iniciais da cidade, uma geladeira de 1959. E estão ali com um propósito: *“Meu objetivo é guardar pra criançada conhecer. E agora a partir do ano que vem a gente vai aprontar a biblioteca. A gente tem mais ou menos três*

*mil livros”* (Claudio). Crianças e escolas com seus alunos visitam o espaço, mas não há qualquer divulgação: as pessoas conhecem, comentam e recomendam a visita.

A proposta desse espaço e a visita que propõe a quem o frequenta parecem movidas por motivos outros que diferenciam este espaço expositivo do Museu do Lixo de Florianópolis/SC. Educação estética pode aqui acontecer, como lá, porém a intenção educativa que visa a conscientização ambiental não é aqui prerrogativa. Afetos movem Sr. Claudio e sua família a tecerem relações outras com os objetos despejados nas vias da cidade que ficam à espera da coleta seletiva do lixo. Alguns desses objetos são por eles capturados, resgatados da destinação comum e alçados à condição de algo que pode vir a ser restituído aos olhos de outros, bem como suas memórias podem vir a restituir a olhares estrangeiros memórias de condições de vidas outras. Sentidos e afecções várias perpassam a coleta, seleção, categorização e exposição de objetos, quiçá sabidos; sentidos e afecções outras, por sua vez, advêm das relações entabuladas por anônimos vários com esses mesmos objetos, também imprevisíveis.

Compreendemos estes espaços de memória com o lixo como outra possibilidade de leitura da cidade a partir de modos alternativos de práticas de memória e patrimônio. Configuram-se como museus contra memória, tal como Abreu (2012) define os museus em favelas ou comunidades no Rio de Janeiro. Com baixo recurso e simplicidade mas eficazes no dever de expressar histórias nunca narradas, contribuem para que populações não contadas, que ocupam posições desprestigiadas na partilha do sensível, possam ressignificar suas trajetórias, contrapor-se aos sentidos hegemônicos que instituem.

Cláudio, Neiciclagem com seus espaços e objetos, respeitadas as diferenças que os caracterizam, são narradores que provocam, com suas práticas, os (in) visíveis, as memórias oficiais e os esquecimentos, os afetos e tempos negados. Afinal,

O narrador é alguém que retoma o passado no presente na forma de memória; aproxima uma experiência situada num ponto longínquo do espaço. Para Benjamim os grandes narradores eram o velho artesão, que conhecia as tradições da aldeia, o marinheiro, que narrava suas experiências adquiridas em viagens. O narrador sempre impunha sua marca pessoal em suas histórias. A narrativa basta-se em si mesma e dispensa esforço por parte do narrador para explicar o acontecimento narrado. A audiência é livre para interpretar a história como quiser. E isso que marca a narrativa, o intercâmbio de experiências. (GONÇALVES, 2003, p. 176)

Narradores trazem novas percepções das paisagens, restituem sentidos ao espaço urbano com imagens esquecidas de um passado pleno de dignidade. Há, portanto, nestes espaços, potências para relações éticas, estéticas e políticas para o reconhecimento de possibilidades não visíveis. O museu de lixo pode até mostrar a decadência da sociedade, dar a ver e escancarar a violência da lógica da descartabilidade, mas

principalmente faz emergir novos jogos entre lembrança e esquecimento, bem como a possibilidade de outras tramas narrativas sobre a cidade.

### Considerações finais

Na cidade, as vidas afirmadas e reconhecidas socialmente convivem com restos, com ruídos de existências outras que insistem em se fazer ver e ouvir, que resistem às estratégias biopolíticas que as aviltam e negam enquanto potência de diferir. Museus do lixo dizem da vitalidade da cidade e das inúmeras possibilidades de histórias e memórias, destacam pequenos heróis em insignificantes localidades que reivindicam o direito de diferir aos modos de produzir memórias na/da cidade.

Assim como administradores públicos e especialistas do patrimônio, Cláudio e Nei também tiveram que se perguntar sobre o que preservar na construção de suas exposições, decidir quais memórias colocariam sob luzes e quais memórias deixariam no escuro. Sempre há uma eleição, uma escolha. Cláudio e Nei são moradores de cidades-patrimônios distintas, são colecionadores de memórias da cidade, que contam histórias com o lixo, com o que sobra de outras vidas, com vestígios, com objetos que já não significam para quem os descartou. Experimentam o que Manoel de Barros, na epígrafe deste texto, recomenda: transformam em poesia os restos da cidade.

Contudo, compreendemos que experiências como os museus do lixo restituem e produzem memórias de modos outros de vida, para além dos hegemônicos; visibilizam os resistentes, os restos, as insignificâncias, e com suas práticas contribuem para a problematização dos sentidos da preservação e da construção de memórias e esquecimentos, enfim, de patrimônios.

### Referências

ABREU, R. Colecionando museus como ruínas: percursos e experiências de memória no contexto de ações patrimoniais. *Ilha Revista de Antropologia*, v. 14, n. 1 e 2, p. 17-35, jan./dez. 2012.

ANTUNES, R. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.

AZEVEDO, A. *Casa de pensão*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1989.

AZEVEDO, A. *O Cortiço* (1890). São Paulo: Moderna, 1991.

BALZAC, H. *A Comédia Humana*. São Paulo: Globo, 1993.

BAPTISTA, L. A.; FERREIRA, M. S. *Por que a cidade?* Escritos sobre a experiência urbana e subjetividade. Niterói: Eduff, 2012.

BARBOZA, D. *As múltiplas cidades na cidade*: as relações estéticas dos catadores de material reciclável com a polifonia urbana. 2012. Tese (Doutorado)—Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.

BAY, D. M. D. Resgatando Arte, incluindo a Arte. In: ZANELLA, A. V. et al. (Org.). *Educação estética e constituição do sujeito*: reflexões em curso. Florianópolis: NUP/CED/UFSC, 2007. p. 29-36.

BENJAMIN, W. *Passagens*. 1ª reimpr. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

BUARQUE, C. Vai trabalhar, Vagabundo. In: *Meus Caros Amigos*. Rio de Janeiro: Phonogram/Philips, 1976. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 5.

BUARQUE, C.; ENRIQUEZ, L.; BARDOTTI, S. A cidade ideal. Intérprete: vários. In: *Os Saltimbancos*. Rio de Janeiro: Philips Records, 1977. 1 disco sonoro. Faixa 6.

DELEUZE, G. *Conversações*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

FONSECA, R. *Contos reunidos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FOUCAULT, M. A vida dos homens infames. In: \_\_\_\_\_. *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. v. 4, p. 202-222. Coleção Ditos & Escritos.

GONÇALVES, J. R. S. O patrimônio como categoria de pensamento. In: ABREU, R.; CHAGAS, M. (Org.). *Memória e Patrimônio*: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p. 25-33.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolítica*: cartografias do desejo. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARVEY, D. *Condição pós-moderna*: uma pesquisa sobre as origens das mudanças culturais. 5. ed. São Paulo: Loyola, 1992.

HISSA, C. E. V. (Org.). Cidade e ambiente: dicotomias e transversalidade. In: \_\_\_\_\_. *Saberes ambientais*: desafios para o conhecimento disciplinar. Belo Horizonte: UFMG, 2008. p. 258-282.

HOPPER, E. *Nighthawks*. Chicago: Art Institute of Chicago Building, 1942. 1 original de arte, óleo sobre tela, 84 cm x 1,52 m.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Florianópolis e São Francisco do Sul*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=421620>>. Acesso em: 20 jul. 2010.

LIXO. In: DICIONÁRIO online Michaelis. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=lixo>>. Acesso em: 20 dez. 2014.

LOST in Translation. Direção: Sofia Coppola. Califórnia: Focus Features, 2003. 1 DVD (101 min).

NATERCIA, F. Em nome do dissenso, filósofo francês redefine termos e conceitos na arte e na política. *Cienc. Cult.*, São Paulo, v. 57, n. 4, p. 16-17, dez. 2005. Disponível em: <[http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0009-67252005000400011&lng=en&nrm=iso](http://cienciaecultura.bvs.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0009-67252005000400011&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 12 dez. 2014.

PADIGLIONE, V. Só nos restam as heterotopias: utopias e distopias no espaço museal. In: FLORES, M. B. R.; PETERLE, P. (Org.). *História e Arte*: utopia, utopias. Campinas, SP: Mercado das letras, 2013. p. 17-56.

PESAVENTO, S. Prefácio. In: NASCIMENTO, D.; BITENCOURT, J. B. (Org.). *Dimensões do urbano*: múltiplas facetas da cidade. Chapecó: Argos, 2008. p. 09-11.

POE, E. A. *O Homem da multidão*. Porto Alegre: Paraula, 1993. Tradução de Dorothée de Bruchard. Edição Bilingue.

POULOT, D. Cultura, História, valores patrimoniais e museus. *Varia hist.[online]*, v. 27, n. 46, p. 471-480, 2011.

Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-87752011000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-87752011000200004)>. Acesso em: 20 dez. 2014.

RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Monica Costa Netto. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009.

RODRIGUES F. L. *Lixo: de onde vem? Para onde vai?* São Paulo: Moderna/USP, 1998.

VAZQUEZ, A. S. *Convite à Estética* (1915). Tradução de Gilson Baptista Soares. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

SANTOS, M. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Edusp, 2006.

SENNETT, R. *Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Tradução de Marcos Aarão Reis. 2. ed. Rio de Janeiro: Bestbolso, 2010.

SIQUEIRA, M. M.; MORAES, M. S. de. Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. *Ciênc. saúde coletiva*. Rio de Janeiro, v. 14, n. 6, p. 2115-2122, dez. 2009. Disponível em: <[http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-81232009000600018&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielosp.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000600018&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 12 dez. 2014.

SISINNO, C. L. S.; OLIVEIRA, R. M. (Org.). *Resíduos sólidos, ambiente e saúde*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2002.

VELHO, G. Patrimônio, negociação e conflito. *Mana*, [S.l.], v. 12, n. 1, p. 237-248, 2006.

VELOSO, C. Alegria, alegria. In: *Alegria, Alegria*. [S.l.]: Philips, 1967. 1 disco sonoro. Lado A, faixa 4.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da Arte*. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

VIGOTSKI, L. S. Educação Estética. In: \_\_\_\_\_. *Psicologia pedagógica*. Tradução e introdução de Paulo Bezerra. 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010. p. 323-363. Coleção textos de Psicologia.

Recebido em: 7 de fevereiro de 2015

Aceito em: 16 de fevereiro de 2016